

Areia monazítica melhora o turismo em Guarapari

Enildo dos Santos

Guarapari (Sucursal) — São centenas deles que todos os anos vêm a este balneário em busca de cura para os seus males. A maioria prefere o outono, sofre de doenças de origens reumáticas, demartológica e alérgica e acredita no milagre das areias radioativas, encontradas em abundância nas praias desta cidade. A fé é tanta quanto a daqueles que buscam os conventos de Nossa Senhora de Aparecida, em São Paulo, Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha, ou o de Nossa Senhora da Assunção, em Anchieta.

Curei-me aqui. Vim em cadeiras de rodas e hoje já posso me movimentar. As águas e as areias são milagrosas. Eu não acreditava, mas me curei e vi muitos casos de pessoas que ficaram boas. Eu mesma sou um exemplo — testemunha Delza Muniz Badaró, que ainda sofre as sequelas de uma artrite reumática, que a obriga ainda a caminhar de muletas.

Clínica

Para Delza Muniz Badaró, as pessoas estão esquecendo a importância do clima de Guarapari, de suas areias e águas geladas. "Acredito que poderia estar completamente curada, mas não tenho numa assistência eficiente de um fisioterapeuta. Tentava fazer uma clínica particular, mas só o que eu gastava de táxi com o tratamento fez com que eu desistisse. Afinal, ficava muito caro. Já era tempo de se fazer uma clínica de tratamento especializado e explorar melhor estes recursos naturais", sugere.

Delza Muniz Badaró, 49 anos, residia em Itabuna, na Bahia. Casou-se aos 17 anos e, no ano seguinte, foi acometida de uma artrite reumática. Entrevada numa cadeira de rodas seguiu para Salvador, Bahia, onde fazia tratamento específico tomando um corticóide (remédio a base de cortizona). Desenganada pelos médicos, foi orientada a continuar o tratamento em hospitais de São Paulo. "Nesta época já ouvia falar de Guarapari e um dos meus mé-



Portadores de vários males, inclusive de reumatismo, esfregam areia preta pelo corpo na esperança de cura

dicos, doutor Simão, já falecido, aconselhou-me a vir para cá".

Outra protagonista dos "milagres das areias radioativas" é Glória Maria Bastos da Rocha Braga, 40 anos, solteira. Nascida, em Ipanema, Rio de Janeiro, com o lado direito paralisado, sua mãe, Alaíde Bastos, buscou Guarapari para o tratamento mediante frequência à Praia da Areia Preta, que contém a maior concentração de areias radioativas. Com muito banho de mar e fisioterapia durante nove anos, Glória assegura que houve uma recuperação de 90% em seus movimentos.

"Não foi só ela quem se recuperou. Eu vinha sempre que podia do Rio de Janeiro. Como comecei a ter reumatismo nos dedos, decidi morar aqui definitivamente. Glória se recuperou e eu me curei de um terrível mal", conta Alaíde Roza Bastos. Para elas, esses recursos naturais deveriam ser mais valorizados. "A cidade mudou muito e, com o crescimento, nem as pessoas se conhecem mais. Isto já foi muito bom. E bem melhor".

Aliviando as dores

Aos 65 anos de idade, Everildo Simões, residente no Bairro Kubitschek, nesta cidade, está todas as manhãs na Praia da Areia Preta. Entre um mergulho e outro ele esfrega areia no corpo. Com este ritual, garante que está se sentindo bem melhor, depois de ter passado por um tratamento médico em consequência de um derrame que

sofreu e que lhe paralizou todo o lado esquerdo.

"Eu não conhecia. Vim aqui por recomendação do meu médico, de São Paulo. Estava com problemas de dores no corpo, a maioria delas muscular. Falando com o médico que iria suspender o tratamento e vir ao Espírito Santo passear em Vila Velha, de imediato ele me recomendou Guarapari, citando as areias radioativas", disse o paulista Silvano Souza Luis, 49 anos que completa: "Parece ser muito boa".

Dona Firina de Lourdes Martins Bernardes, 86 anos, cercada de amigas e o carinho da filha, Darcy Maria Gaspareto Camargo, 53 anos, veio em busca dos "milagres das areias pretas. A gente se sente rejuvenescida". Natural do Paraná, elas vieram de Brasília. Segundo Darcy Maria, "Guarapari é o lugar ideal. Nós nos sentimos melhor. Minha mãe parece até mais jovem. Descansa-se e a comida é boa, dando mais disposição, inclusive para caminhar".

Carmita Broco Guimarães, 68 anos, residente em Colatina, diz que já criou um filho de bronquite asmática e agora busca cura para o reumatismo e as dores na coluna. Não existe nada igual a isso aqui. Eu tenho dito isto para todos que eu conheço. Freqüente esta praia a 45 anos. Isto faz milagre. Se quiser, eu dou testemunho para qualquer um".

Pouca importância

Desde que o ex-prefeito Graciano

Espíndola Filho deflagrou guerra contra a Empresas Nucleares Brasileiras S.A. e da Nuclemon Nuclebrás e Monazita Associados Ltda., responsáveis pelas explorações de jazidas neste litoral, em abril de 1983, que não se dá mais importância às jazidas. A exploração acabou no Estado e sua utilização só é feita por aqueles que acreditam em milagres. Há mais de 20 anos trabalhando na praia da Areia Preta, José Capistrano, chefe do serviço marítimo de salvamento, diz que existem lendas e muitas histórias reais. "Muita gente chegou em cadeiras de rodas e agora anda pela cidade. Alguns vão e voltam. Mas, hoje, essas areias não têm a mesma importância dos anos anteriores", comenta.

Capistrano nasceu em Guarapari e tem muitas histórias para contar. Certa vez, segundo ele, percebeu que várias senhoras que estavam sentadas na praia haviam saído de perto de um senhor de avançada idade. "As mulheres estavam com cara de espanto. Por um bom tempo reparei que o senhor havia abaixado o calção e, de bruços, se esfregava na areia. A impressão que se tinha é que ele se masturbava. Fui lá conferir e vi que era verdade. Chamei-lhe a atenção e ele então contou que estava se movimentando para se curar de uma impotência. Obviamente ele parou, atendendo ao meu pedido, mas garantiu que estava tendo bons resultados".



Delza Badaró pôde livrar-se da cadeira de rodas ao morar em Guarapari

Onde há a radioatividade

Muita gente pensa que a radiação está nas areias pretas, mas na verdade, é encontrada na Monazita, que é amarela e contém elementos radiativos. A Monazita foi descoberta no Estado em 1884, na região que engloba Anchieta e Guarapari pelos irmãos Borges, engenheiros Deoclécio Borges e o coronel Anibal Borges, que constituíram a firma Borges e Cia, que em 1890 exportou para a Alemanha 600 toneladas de Monazita.

A Monazita é usada como fonte de Terras-Raras e Tório. Do Terras-Raras, o elemento cério é usado para ligas pirofóricas (pedras de isqueiros), carvões de cério, para lâmpadas de arco e refletores, além da fabricação de vidros especiais que deixam passar os raios luminosos e refletem o ultravioleta, e parte do infravermelho. É também empregado na produção de resistência e ligas leve (cério, magnésio, alumínio e outros), e usado como catalizador na indústria química.

Como está associada aos minerais pesados como a Ilmenita, Rutilio, Zirconita e Granada, a Monazita ocorre em aluviões ao longo da costa brasileira, nas embocaduras de rios, e nas proximidades das praias. O Rutilio é usado para fabricação do ferro titânio, aços especiais, cerâmica, radiotécnica e tintas. Ilmenita é empregada na indústria aeronáutica, em tintas e aços especiais. Zirconita em vidros especiais, refratários, na indústria eletrônica e em ligas especiais. Granada é empregada na fabricação de lixas e abrasivos.

Até a década de 1950 a Monazita era praticamente a única fonte de Terras-Raras e Tório no mundo. Índia e Brasil eram os únicos possuidores, ditando o monopólio de sua extração, enquanto a indústria bélica e de outros setores, dos países desenvolvidos ficavam na dependência de tão importante material, considerado na época estratégico para a fabricação da bomba atômica.